

À SOMBRA DO PLÁTANO_ COMENTÁRIO SOBRE O MITO ESCATOLÓGICO DO *FEDRO DE PLATÃO*

Maria Carolina Alves dos Santos

Faculdade São Bento de Filosofia (FSB)

Ao caro mestre e amigo Francisco Benjamim de
Souza Netto, à sombra de quem ora escrevo.

RESUMO: O mítico relato de Sócrates à Fedro, na palinódia a *Eros*, acerca de reminiscências fruídas no tempo das origens – miniatura que condensa temas centrais desse belo Diálogo do maior dos interlocutores daquele filósofo –, é aqui tomado como paradigma hermenêutico do conjunto da obra exotérica de Platão. À semelhança de um ovo filosófico, este curto discurso de retratação é vasto à sua maneira, revela como o que é em si pequeno pode abarcar o que é imenso. Conduzido por um autêntico *psykopompos*, o autor do *Fedro* reproduz com vívidas asserções essa narrativa sobre o arrebatado regresso das almas (*psykhai*) ao cerne daquele longínquo passado. O que foi, então, visto (*idein*) no imutável horizonte onde estão postadas as *Ideai* é rememorado aqui, e em outras duas mil páginas de textos platônicos, do modo que é possível à escrita quando do seu advento na Grécia.

PALAVRAS-CHAVE: mito. *Eros*. dialética. reminiscência. alma. *paideia*. retórica. escrita.

IN THE SHADE OF THE PLANE_ COMMENT ABOUT THE ESCATOLOGICAL MYTH OF PLATO'S FEDRO

ABSTRACT: Socrates' mythical account delivered to Phaedrus in his palinode to Eros about the reminiscences enjoyed in the time of origins - a miniature that condenses central topics of this beautiful Dialogue by the greatest interlocutor of that philosopher - is here taken as the hermeneutic paradigm of Plato's exoteric work. Like a philosophical egg, this short retraction speech is vast in its own way and it reveals how that which is in itself small may encompass what is immense. Guided by an actual *psykopompos*, the author of Phaedrus reproduces this narrative about the raptured return of the souls (*psykhai*) to the heart of that distant past using vivid assertions. What was then seen (*idein*) in the immutable horizon where the *Ideai* lie is recalled here, just as in another two thousand pages of Platonic texts, in the manner writing at the time of its advent in Ancient Greece allows it.

KEYWORDS: myth. Eros. dialectic. reminiscence. soul. paideia. rhetoric. writing.

I-A SYNOUSIA DE SÓCRATES

NUM TOPOS IDÍLICO

“Sócrates: Viremos aqui seguindo o Ilisso e, tão logo um lugar nos pareça tranquilo, sentaremos. Fedro: Em boa hora calho estar descalço, como tu sempre vais. De modo que será fácil e nada desconfortável irmos pela água, sobretudo nesta época do ano e nesta hora do dia! Sócrates: Prossegue então e vê onde vamos nos sentar. Fedro: Vês aquele altíssimo plátano? Sócrates: Que há com ele? Fedro: Ali há sombra, brisa moderada e relva para nos sentar, ou deitar se quisermos (229^a-b)”¹.

Para a conversa do *Fedro*, Platão concebe particular cenário, um extravio da paisagem urbana da maioria de seus Diálogos, o exuberante *topos* nos arredores de Atenas (230b-d). Caminhando em uma manhã de verão na hora em que o sol é mais potente (*mesembria*), Sócrates e seu amigo chegam a um bosque de grandes árvores. Ao se depararem com um plátano

¹ Utilizamos, na maioria das citações do *Fedro*, a tradução de J. Cavalcanti de Souza, 2016, Editora 34, SP.

de altaneiro talhe (naquela estação do ano, a árvore atinge trinta metros de altura), sem hesitação, decidem recostar-se sob a acolhedora sombra, para mais um dos circuitos discursivos habitualmente encetados pelo filósofo com seus interlocutores.

De imediato, ao avistar Fedro neste casual encontro, o filósofo lhe endereçara uma trivial indagação: **“amigo, de onde vens e para onde vais? (227^a)”**. E, como é frequente na construção dialógica dos textos platônicos, o prólogo sugere a chave para uma abrangente leitura – indica, por assim dizer, a viga central de toda a conversação à sombra daquela densa ramagem – a sempre retomada investigação a serviço do deus délfico acerca da origem, natureza e destino do homem (229e).

Seguindo prescrição médica, Fedro dirigia-se ao campo para um passeio benéfico à saúde do corpo, mas, por um capricho da *moira*, receberá o real tratamento de que ora necessita, um prévio cuidado da alma. O belo jovem vinha de exaustiva noite de audição de discursos do famoso retórico Lísias, cuja arte exercia, então, indiscutível influência sobre a juventude ateniense. À terapêutica corporal indicada por Acumeno, Sócrates irá interpor aquela que caracterizou sua prática, enquanto um cuidador de almas. Segundo os moldes do que ficou proposto no *Cármides*: **“se é na alma que males e bens ao corpo e ao homem todo têm seu ponto de partida, a ela devem ser endereçados os principais cuidados**, a ação encantatória dos **belos discursos” (156d)**. É pela força desses *kaloï logoi*, por associarem à argumentação racional a mágica do mito – que irá atuar sobre as fibras mais sensíveis da *psykhē* –, que esta metódica interlocução restabelecerá sua saúde.

A princípio, o que pareceu casual no prazeroso passeio dos dois *etairoi* fora dos muros da polis irá se configurar, na sequência dessa trama textual,

como providencial fatalidade. Para a terapêutica eficaz de uma alma seduzida pela oratória será preciso recorrer à ação encantatória daqueles discursos, que somente um conhecedor genuíno da natureza do objeto ao qual se endereçam, sabe proferir. A breve demonstração da essência da alma como princípio e fonte de todo movimento (245d), seguida da bela figuração que a descreve como veloz carruagem alada, evidencia uma decorrência lógica em toda e qualquer ação cognitiva: a autonomia e a agilidade que cada uma potencialmente possui quando metodicamente bem instruída, para especular com profundidade temas de seu interesse. Firmado nesses sólidos pilares, o dialético acaba por erigir frontal contraposição argumentativa ao papel que os mestres da oratória lhe atribuem, um mero receptáculo da audição e memorização de discursos já prontos.

A prática interrogativa socrática, a um tempo maiêutica e catártica, promoverá, então, espetacular viragem no *modus operandi* da *paideia* retórica. A interlocução dialética caracteriza-se, sobretudo, como *synousia*, que estimula ativo compartilhamento das duas almas na investigação, uma *askesis* nutrida por idêntica *philia* ao saber. Juntas, ali mesmo sob aquele silente plátano, em longa e salutar trajetória vertical *exo ton ouranon* (247e), ensaiam circunvoluções ao redor das imortais e luminosas Ideias: visões mais e mais tonificantes lhes acorrem à memória, reavivando reminiscências de saberes fruídos em recuados tempos ali vividos.

A SACRALIZAÇÃO DO PLÁTANO

“Juro-te pois – por quem ao certo, por qual Deus? Pode ser precisamente por esse plátano? Sim, se tu não proferires o discurso diante desta árvore, nunca mais te exporei nem revelarei algum outro de quem quer que seja” (Fedro, 236d-e).

A árvore, elemento recorrente na literatura mítica dos primórdios, é o espaço simbólico de reunião que intermedeia as relações entre o factual e o poético, o profano e o sagrado, o céu e a terra. A cultura grega lhe associa deidades do panteão olímpico, seja por haverem nascido sob ela ou nela se transmutado. Por sua natureza hierofânica, a cada uma das espécies é dado o poder de manifestar uma divindade: o carvalho é Zeus, o loureiro Apolo, a videira Dionísio, a oliveira Atena. E o plátano (de *platus*, o que é largo, extenso), a quem Fedro jura como a um deus, a quem estaria se referindo? Evocaria talvez aquela potente figura, na expressão de J. Wahl, “cujos largos ombros sustentam não só toda a tradição ocidental, mas todas as tradições ocidentais” (p. 171)²?

À ampla sombra daquela árvore, nos sobressaltos de um divino entusiasmo, Sócrates irá fazer um belíssimo elogio da Filosofia, como a mais perfeita das terapias da alma. É sob os auspícios dela que lhe rememora saberes os mais antigos, os que detinha em tempos originários antes da submersão na dimensão corpórea e que, em decorrência dessa fusão de híbridas naturezas se obliteraram. Por visualizar em Fedro inegável pendor à sabedoria, ele se aplica em redirecionar essa *philia* aos discursos retóricos ao cultivo da faculdade da reminiscência pela dialética, que lhe trará a mais alta das cognições³. Bem por isso, ele se dispôs a percorrer grandes distâncias – **“qual rês faminta diante da qual se agita um ramo ou um fruto”** (230e) – para melhor inteirar-se do manuscrito (*biblion*) que o jovem traz oculto sob seu manto.

² Sugestão de R. Zavasky, A Hitherto Unremarked Pun in the Phaedrus, *Apeiron*, vol. 15, n. 2, 1981, pp. 115-6.

³ “Pois carece que o homem entenda segundo o que se chama ideia, de muitas sensações indo à unidade, por raciocínio concebida; e isto é reminiscência daqueles seres que outrora viu nossa alma, ...” (249b-c).

A paisagem aqui descrita por Platão prima por acentuar o contraste entre o ar leve e puro do espaço campestre à efervescência dos que são urbanos: seja o da ágora, onde o dialético habitualmente exerce a divina missão de estimular almas à flexão sobre si mesmas; seja o da privacidade das *oikiai* dos endinheirados, como a de Mórico, onde Fedro se compraz com insalubres discursos dos oradores profissionais. A fenomenologia da narrativa se aprimora quando Sócrates se declara um estrangeiro (*xenos*) precisado de guia, nessa paragem que o extravia de seu habitat cotidiano; e Fedro, por sua vez, se mostra excelente na empreitada de conduzi-lo até aquele belo recanto (230c): **“mas eh, companheiro, um momento! Não era esta a árvore a que justamente me conduziás?” (230b)**. Em termos metafóricos, ao fixar o plátano como ponto central da conversação, seria como se o autor da narrativa ali se materializasse, silente, daquele mesmo modo que sempre esteve nas incontáveis interlocuções de seus Diálogos, à sombra. Seja como for, é sob o espaço amplo dessa árvore altiva, que por sua vez o dialético será o guia de seu companheiro de especulações ao *topos* originário, a região do *hyperouranium*.

O discurso compulsivamente perseguido por Sócrates, que Fedro em vão pretendeu recitar decór, fora pronunciado por Lísias num lugar impuro a Moríquia⁴ (do verbo morusso, manchar), mais adiante, será desdenhado como eloquente porém trivial, e nada dizer de “são” (243a). O célebre orador, pretensamente temperante no amor sensual, elogia o amante sem paixão – **“antes prestar favores a quem não ama do que a um apaixonado”** – argumento que no entender de Fedro torna o discurso notável (227e). Terminada a leitura, diante do semblante exaltado do jovem, o dialético

⁴ Moríquia é a casa que pertenceu a Mórico, poeta trágico, conhecido pela gula e pelo caráter efeminado.

ironiza dizendo-se também transtornado. **Ora, assim, então, decides brincar**, retruca Fedro indignado e o desafia a compor outro ainda melhor (234d). Por vê-lo hesitante, apela ao meio infalível de obrigá-lo a dobrar-se a seus caprichos: jura por um deus, **“mas por quem? Por que divindade? Ah! Queres por este plátano aqui? Em verdade, se não fizeres discurso diante desta árvore, jamais qualquer outro discurso, de quem quer que seja, hei de te apresentar ou anunciar”** (236 e).

O irônico fascínio de Sócrates pela eloquência retórica é mera imitação da avidez do próprio Fedro por ouvir discursos que atuam sobre ele como um *pharmakon* (em sua dupla conotação, “encantamento” e “veneno” – 230e), donde o epíteto ambigualmente assumido pelo dialético de “amigo dos discursos” (*philologos*, 236e5). A princípio, mostra-se resistente, dizendo-se leigo na matéria e incapaz de rivalizar com o famoso logógrafo da época⁵; mas, face ao juramento de Fedro e a mal dissimulada impossibilidade de privar-se de semelhante regalo (*thoines*, 236e), dispõe-se a proferir um, e depois mais outro por imposição demoníaca, que ocuparão boa parte do diálogo: vinte parágrafos dos cinquenta e dois que o compõem (237a-257b).

O *topos* previamente escolhido torna-se assim uma espécie de santuário onde, no regaço daquela sombra reconfortante, o próprio *logos* será cultuado por curioso ritual. Conforme o teor das menções ao filho de Afrodite nos discursos que irá pronunciar, sucessivamente, Sócrates cobre e descobre a cabeça (242c). O primeiro deles, feito com a cabeça velada, é duplamente ofensivo: ora ao deus, ao descrever o amor tal como Lísias, como loucura má que tira o homem de seu juízo

⁵ Lísias (c. 458-380 a.C.), filho de Céfalo e irmão de Polemarco e Eutidemo, personagens na obra de Platão, era oriundo de rica família de Siracusa. Tornou-se escritor profissional de discursos e tentou sem sucesso obter a cidadania ateniense. Escreveu cerca de 200 peças oratórias, sobretudo forenses, das quais sobreviveram das trinta e cinco somente vinte e três completas. Seu estilo era admirado pela simplicidade e naturalidade, sem excessivos ornamentos retóricos e outras extravagâncias. A ação do Fedro ter-se-ia desenrolado por volta de 418-16 a.C., quando Lísias possuía entre 26 e 28 anos.

perfeito; ora ao próprio *logos*, por veicular uma concepção que não vem de seu próprio interior (235c). Metaforicamente, é como se estivesse cego ao reproduzir a opinião do retórico figurando um *Eros* maléfico. Em seguida, num gestual reverente após admoestação de seu vigilante *daimon*, descobre a cabeça antes de proferir o segundo, anunciado como um *katharmos* (243^a): enxergando agora com maior clareza, reconcilia-se com *Eros* exaltando seus benefícios.

Nesse segundo discurso, o dialético sustenta que os apaixonados são acometidos por uma espécie de loucura similar à das sibilas e adivinhos quando em transe, uma dádiva dos deuses à humanidade, que lhe causa seus maiores bens (245c). O insólito *pathos* é justamente a *mania* filosófica, a mais elevada condição que lhe foi outorgada pela sabedoria divina, para seu benefício (245a). Sob esse repentino e salutar delírio faísca a chama produtora de toda poesia e filosofia autênticas, pelo qual a boa *paideia* livra a alma de suas lembranças partidas e incompletas, ao remetê-la à instância onde os fundamentos do autoconhecimento podem ser recuperados. A inspirada alegoria que ilustra esse elogio ao Amor marca a diametral oposição entre dois *topoi* : o da fonte das coisas impalpáveis de onde jorram os “belos discursos” do filósofo, e aquele mundano panegírico, composto de elementos da dimensão sensível, próprios aos discursos do retórico.

Sob o divino êxtase, em salutar exercício de memória (*mneme*), mediante a ritmada agilidade do *logos*, Sócrates e Fedro alcançam juntos as alturas dos resplandecentes inteligíveis (*id.* 247b). Diante dos espetáculos do vertical passeio onde a princípio era o estrangeiro, Fedro inicia-se na sagrada rememoração do já contemplado em eras primordiais, na esteira das evoluções perfeitas dos deuses com seus carros alados (*id.* 247b). Pelos sucessivos movimentos de ascensão e descenso dos discursos dialéticos, na *synousia* desses seres celestiais que lhes são aparentados (*id.* 247e), ambos ultrapassam o mais alto cume além do céu: é de onde aqueles outrora

repentinos vislumbres das divinas Formas irão se transformar, pouco a pouco, na visão sinótica característica dos discursos eróticos de um filósofo.

A saga desse caminhar para além muros de Atenas do qual é Fedro inicialmente guia (*id.* 234 c-e), e que se transmuda em *periagoge* para fora do *topos ouranos* sob a condução daquele extremado amante do saber, constitui-se num perfeito paradigma do que Sócrates propicia na quase totalidade dos diálogos platônicos, a todo aquele ao qual disponibiliza sua maiêutica e irônica companhia. O empenho em reavivar antigos saberes na cripta das memórias é a propedêutica necessária a todo companheiro de boa natureza, para que vá então por si mesmo “**onde o logos como um sopro o levar**” (Rep. 394d); e para, quiçá, cristalizá-las em asserções fabuladoras, como ocorreu nesta e em outras interlocuções relatadas por Platão, o mais talentoso de todos eles⁶.

II- Platão autor

A grande metáfora do livro que se abre, que se soletra e que se lê para conhecer a natureza não é mais que o reverso visível de uma outra transferência, muito mais profunda, que constringe a linguagem a residir do lado do mundo.

(M. Foucault, As palavras e as coisas)

PARA REAVER UM BEM PERDIDO

Com o ato de escrever obras inspiradas em um saber primordial, Platão instaura potente *logos* que o torna *alethes*, tal como os antigos poetas de que

⁶ Para M. Nussbaum, seria subestimar a complexidade dessa obra e de seu jogo dialético não reconhecer que Platão figura no drama tanto quanto Sócrates, que ele é também, tanto quanto Fedro, aluno brilhante de Sócrates. Considerando a data dramática do diálogo, Fedro pode mesmo ser Platão, que teria então dezessete anos quando o filósofo tinha sessenta, um menino reluzente e arrebatado por essa influência filosófica. Esta autora supõe ainda que Lísias, amigo de seu irmão na República, fosse realmente aspirante a ser seu amante (A fragilidade do Bem, p. 201).

fala M. Detienne (1988, p.21). Seria ele, também, um “mestre da Verdade” pelo poder de visão direta e de enunciar palavras pertinentes em seu nome. Pertence, possivelmente, ao pequeno número dos que têm dom de memória_ **“as lembranças desta contemplação não se acordam em todas as almas com a mesma facilidade”** (oligai de leipontai ais to tes mnemes hikanos parestin - 250a)_ ao reverberar em seus textos antiquíssima familiaridade com o *hyperouranios topos*, o qual **“poeta nenhum cantou jamais de modo adequado”** (247c-d). As formulações que cristalizou na escrita constituem uma autobiografia intelectual – “o incessante Diálogo consigo mesmo travado ao longo de toda uma existência” (J. Bernhardt, 1971, p. 16) – na qual busca reproduzir, com a fidelidade que a linguagem escrita comporta, as recordações de suas frequentes interlocuções com Sócrates⁷.

A fixação dessas visões originárias em *biblios* – quando ambos também seguiam o cortejo dos deuses e buscavam imitar suas evoluções para delas fruir o mais possível (250c) – evidencia a marca dessa prolongada convivência. Invadido ele mesmo por aquele estranho *pathos*, Platão relembra no *Fedro* a palinódia socrática, valendo-se de termos e imagens concernentes às cerimônias de Elêusis. Naquelas iniciações, aquele que suporta as primeiras purificações alcança o estado de bem-aventurança, o “ato de ver” o divino: é quando algo suave e brilhante emerge e espargese diante dos olhos maravilhados do neófito⁸. Confiadas às folhas do papel,

⁷ “Toda esta rica rede de relações, que articula o Fedro com peças escritas em momentos diversos da composição do corpus platônico, poderá de algum modo explicar que, atenuando o rigor com que a Carta VII avalia as produções escritas, o Fedro eventualmente justifique o mérito filosófico da produção dialógica...” (J. Trindade dos Santos, p. 215)

⁸ Uma das principais características das cerimônias dos mistérios é o *makarismos*, o louvor ao estado venturoso daqueles que “viram”. No *Banquete*, empregando esse tipo de linguagem, Platão descreve a experiência da visão suprema do filósofo, estabelecendo a distinção entre a iniciação preliminar (*myein*) e os mistérios perfeitos e *epopticos* ao fim da ascensão dialética (209e). A visão do “imenso oceano” do Belo engendra uma multidão de belos e nobres discursos e pensamentos (*logous kai dianoemata*) mergulhados que está em inesgotável filosofia (en

surgem descrições da natureza alada da alma (246a: *oion men esti*), uma carruagem subindo aos céus, e das lembranças que guarda dos vislumbres das luminosas realidades lá existentes, criando o mais importante texto sobre a experiência dos Mistérios, segundo W. Burkert⁹. A narrativa constituirá referência fundamental a todo misticismo posterior em sua acepção mais verdadeira, “ao fornecer-lhe o modelo de uma nova teologia, contemplativa e poética, fonte que fecunda o conjunto de sua filosofia” (G.Rodis-Lewis, 1975, p. 15).

A monumental obra composta por esse fiel interlocutor de Sócrates, com base no simbolismo do domínio da visão, seguindo a tendência do espírito grego de usar imagens sensíveis para exprimir o inteligível, celebra as excelsas vivências de ambos na aquisição do saber que abarca o plano transcendente sinoticamente, no ato filosófico por excelência¹⁰. Urdido com expressivas analogias, essa mútua convivência é traduzida por uma multiplicidade de invocações – psicológica, poética e, especialmente, religiosa – que elas propiciam. O autor recorre infinitas vezes a pictóricas imagens para dizer “**de modo breve aquilo que exigiria longos e divinos discursos**”, indicando obliquamente ao que se assemelha, assim como nessa palinódia a Eros (Fedro 246^a). É pelo esforço (*ponos*) de reiteradas viagens (*poreiai*) de retorno à antiga pátria que Platão teria também vivido,

philosophia aphythono), cessando de ser, então, um *smikrologos* (Banq. 210d; W. Burkert, 1992, p. 103; P. M. Schuhl, 1949, p. 205).

⁹ Esse texto será reiteradamente imitado em linguagem mística por Filo e pelos platônicos posteriores até Dionísio Areopagita (W.Burkert, 1992, p. 102).

¹⁰ Afirma K. Kerényi, que se pode traduzir o ato filosófico em Platão pela perífrase “saber contemplativo”, cuja fonte é a capacidade visual do espírito. E porque o objeto contemplado facultava-lhe o efetivo poder da evidência, ocorre essa cognição superior à do intelecto, na qual se revela o que é digno de ver-se e de venerar-se: é experiência autenticamente religiosa na qual o saber alcançado reporta-se a algo eterno e cuja plenitude é dada somente aos deuses (1972, p. 109).

ainda que de modo temporário, algo permanente entre os deuses do panteão grego mencionados: a fruição da ciência perfeita do que é realmente divino – o que jamais nasce ou morre (247e), incolor, sem forma ou tato – visualizado somente pelo intelecto, o piloto da alma (*psykhes kubernetes*- 247c-e). Por essas visões cada vez mais aproximadas é que, finalmente, sua alma chegou a rememorar-se com maior clareza de sua origem, natureza e destino.

Por essa razão, a forma simbólica do dizer, no discurso platônico destinado ao grande público, não se reduz a mero recurso literário, ela efetua uma conversão similar à dos ritos iniciáticos, ao expressar aquilo que o *logos* do filósofo não lograria expor de modo direto. À luz do arcaico, aglutina fragmentos doutrinários, temas mitológicos, cosmológicos e religiosos, explorando o poder sugestivo da linguagem figurada e sua plástica capacidade de fazer ver e maravilhar. De metáfora em metáfora, recorrendo a termos que têm estreita correspondência com o central fenômeno religioso da vida helênica, ele chega a sinalizar uma primeira formulação do que é inefável em sua graduação ontológica. Apoiadas na imaginação mítica, as descrições de Platão teriam o poder de desencadear íntimas ressonâncias no leitor antigo, que provavelmente foi um iniciado nas cerimônias místicas. Lendo suas composições, rememoraria com mais facilidade, entusiásticas emoções já vivenciadas, quando a luz do que é incorpóreo e imortal voltaria a iluminar sua existência. E ao leitor moderno, que não possui aquela vivência do que efetivamente representam, poderia também ser assimilável em profundidade, desde que para ele, como sugere A. de Marignac, as imagens não tenham perdido sua máxima virtude: o poder de evocar a lembrança de algo primordialmente vivido – ainda que fugaz como uma faísca – “aquela repentina sensação do já visto” (1951, p. 125-7).

Escrita assim na vertigem do encantamento extático, a rememoração da palinódia de Sócrates no *Fedro* destina-se, sobretudo, a evidenciar, exotericamente, a eficaz pedagogia do genial *erotikos*. Ilustra a imperativa prática de exaustivos embates dialéticos, prévios a todo amante do saber que vise recobrar as asas da *psykhe*; e, quiçá os inspire ainda a compor obras como essa, que recupere em mais leitores a intimidade outrora vivida com a dimensão transcendente. Segundo sugere a maestria literária de Platão, reavivar reminiscências de viagens ultraterrenas e a comoção primeva diante do que é supremo – objeto precípua da *synousia* socrática – exige particular esmero na adequação do não-dizível ao dizível, mediante conjecturas visuais que evoquem impressões preexistentes no lugar mais fundo da memória (9): a articulação dessas aspirações infinitas ao finito das possibilidades da escrita por aqueles que chegarem a proceder assim, incitaria também outras almas ao voo que conduz ao *topos* do Belo – **“luz que mais brilhava entre todas aquelas Ideias Puras e que ali se difunde sem obstáculos”** (250e) – para reaver aquele bem ora esquecido.

A ALMA E O LIVRO

As *psykhai*, por natureza, têm disposição para gravar e conservar traços de impressões (*soteria tes aistheseos*) recolhidas no tempo paradigmático, antes de sua descida ao ciclo das gerações. Toda alma decaída, por esse modo de ser assemelhado a uma plaqueta de cera maleável (Teet. 191a), constitui-se em suporte dessa escrita primordial, mais legível em umas do que em outras, de acordo com as visões das coisas divinas obtidas até então. São comparáveis por isso mesmo a um livro (Fil. 38e-40a: *he psykhe biblio tini proseoikenai*), no qual estão gravados, em caráter permanente, vestígios dos fundamentos de uma espécie de teologia que a reiterada contemplação

faz aflorar em sua superfície delicada. Insuflado pela *synousia* socrática, Platão tornou-se também dialético excelente, dotado da genuína arte da eloquência; e, enquanto genial escritor, transportou para seus textos, com bem colocadas inflexões, essa infinidade de impressões retidas em sua alma. A exposição em planos hierarquizantes, cujos níveis mais altos a linguagem escrita mal consegue expressar, obedecem a esse especial desígnio: mais que um *hypomneseos pharmakon*, notas redigidas para suprir esquecimentos decorrentes da velhice (276d-e) ou a ilustração da palavra oral, viva, para preservar sua verdade (Joly, 1974, p. 123); os Diálogos buscam reproduzir com verossimilhança essa sabedoria inata inscrita no *biblion* interior, aberto aos olhos do filósofo pela *anamnesis* resultante do método socrático.

Dado o caráter quase indizível daquela matriz eterna, o texto inscrito na alma calcado sobre a verdade das “coisas que são” (*ta onta*), e que cintilam em suas entrelinhas, é regido por uma ordem de temporalidade que transcende a da história. O pequeno “livro” cristaliza-se na estrutura de cada obra como o tempo musical em uma partitura, à espera de intérpretes privilegiados que a reponham em movimento. Avesso ao que é pesado e rígido, inspirado naquelas reminiscências, que frui na companhia de Sócrates na extraordinária Pradaria da Verdade, Platão articulou essa bela sinfonia que é o *Fedro*. A iluminação da paisagem das origens, situada no mais remoto horizonte, faculta-nos o acesso à originalidade em sentido forte, dessa filosofia que é suprema música em sentido amplo (Féd. 61a).

A clareza arquitetônica da analogia que se pode estabelecer entre a criação literária de Platão e o perfeito *biblion* impresso em seu íntimo – de um lado a obra gerada, “**reflexo ampliado**” dos traços armazenados na alma; de outro, a matriz de seus escritos talhada em “**tamanho reduzido**” (Rep. 368d) – evidencia a estreita correspondência entre o caráter gráfico dado à sua

filosofia e o modelo eidético que ela reproduz¹¹. Essa bilateralidade faculta, por sua pertinência, o contato mais pleno do leitor (em face da **“ausência de uma vista mais penetrante”** – Rep. 368e) com os diminutos caracteres que compõem o “livro” do filósofo, nos quais está contido o espírito que os concebeu e os anima. A arte da decifração do que está sob a trama dos sinais negros transcritos sob o fundo branco do papel é o que lhe propicia acessar o âmago dos Diálogos. Uma vez fixados na escrita, tornou-se possível ler e reler indefinidamente esse pequeno “livro”, recompondo-o, assimilando-o, revalorizando assim o gesto gráfico platônico em favor da epifania de um passado primordial, que é o de todos os homens sem exceção (250^a): desde então, milhares de olhos o perscrutaram e, possivelmente, tenham de algo se recordado.

Escritos – e reescritos incessantemente segundo testemunha Dionísio de Halicarnasso – num espaço de quase cinquenta anos, Platão articulou dinâmica *synopsis*, uma *theoria* sobre as divinas realidades postadas na mítica Planície. Em torno de cada uma daquelas essências verdadeiras (*ton alethon*) – à semelhança do pequeno sistema existente sobre os deuses-astros, tomados como centro de coesão pelas almas menos perfeitas –, aglutinou metodicamente vasto cortejo de concepções. E é dessa estreita relação de parentesco que elas extraem seu estatuto ontológico e programático, delineando, liminarmente, o ainda pouco definido âmbito do que é filosófico. Uma vez associados aos prestígios de uma arte que é a verdadeira retórica – conhecedora da natureza de todas as almas e de seus variados graus de entendimento –, esses textos deverão atuar *psykagógicamente* (271a) como antídoto eficaz contra o esquecimento das idealidades transcendentais.

¹¹ Na *República*, Platão faz uso dessa imagem da alma enquanto suporte da escrita, quando se propõe a estudar a justiça no ser humano, “onde ela está escrita em minúsculos caracteres”. Será preciso, porém, examiná-la antes num quadro maior, a cidade, para em seguida decifrá-la no menor e verificar se coincidem (368d).

Não sendo tábula rasa por natureza, conforme o decreto de Adrastéia (248c), as *psykhai* possuem, todas elas, alguma reminiscência daquelas realidades, desde que, necessariamente, pertenceram à companhia de algum deus. Por essa razão, os textos de Platão são compostos de modo a evocar, na alma do leitor, vestígios daquele convívio sagrado de que falam nostalgicamente¹². Suas mãos depositam em livro palavras de grande possibilidade poética, que cumprem o ofício de dar corpo a realidades primordiais difíceis de exprimir e provocar profunda conversão, que o arranca da decifração linear, impulsionando-o à verticalidade. E, ao ocasionar-lhes essa reviravolta tão íntima e total da qual se fala demoradamente na *República* (*periagoge oles tes psykhes*), cumprem o avatar *psykagógico* socrático, que é o de toda autêntica filosofia¹³.

III-Conclusão

“A conclusão do Fedro é menos uma condenação da escritura em nome da fala presente, que a preferência de uma escritura a outra, de um rastro fecundo a um rastro estéril, de uma semente geradora porque depositada no dentro, a uma semente gasta no fora em pura perda, no risco da disseminação” (J. Derrida, 1991, p. 101).

O clima mítico-religioso, sob o qual a conversão da alma para o Belo ocorre, jamais poderia ser criado pela audição de um discurso inconsistente e ímpio como o *erotikos* redigido por Lísias (*Fedro* 228a-239b). É sob

¹² Se há ideia que pode servir de laço visível e seguro entre o pensamento intelectual e a religiosidade presente nos Diálogos, é a da imitação dos atributos e costumes daquele deus que a alma segue: todos os seus avatares são infalivelmente regidos por essa lei da imitação (A. Dies, 1927, p. 593 e 600).

¹³ Evidencia-se, neste texto, que, para o Sócrates platônico, a educação não consiste no que alguns dizem ser, colocar na alma um conhecimento que não havia antes, como se fosse dada a visão a olhos cegos, mas dirigir o olhar para a direção correta: é a arte de propiciar a conversão do olho interior para o ângulo da realidade divina (Rep. 518a-519a; M. Heidegger, 1968, p. 135-142; L. Paquet, 1973, p. 353-4).

o mágico recanto à sombra daquele plátano, e com o concurso da divina dádiva, despertada pela beleza sensível que emana do “reluzente” Fedro (249e), que Sócrates faz a mais sagrada das revelações sobre o sítio celeste onde se obtém o *gnoti seauton*¹⁴. E é somente acometido por esse mesmo *pathos* próprio à melhor filosofia, que Platão consegue fazê-la irromper à luz por meio dessa palinódia do *Fedro*. Toda a dinâmica da arquitetura de seus temas maiores – a alma, o amor, as Ideias, a beleza, a retórica, a dialética – teria, por objeto último, testemunhar como Sócrates finalmente chegou ao cumprimento da missão que Apolo lhe atribuiu.

É sob o efeito de similar entusiasmo socrático e com sua mesma eloquência superior à falsa sobriedade de Lísias, que o escritor reproduz, na superfície do papel, com palavras potentes, que poderão arrebatá-lo para além dos espaços urbanos, outras almas que aspirem à sabedoria: reconduzindo-as à fonte originária (*ek arkhes*), poderão também se recordar e obter à saciedade o autoconhecimento. Segundo A. de Marignac, “a força de expressão de Platão é tão grande que, após haver lido esse mito, é como ter visto desenrolar-se sob nossos olhos todas as aventuras daquela carruagem e suas asas: tem-se, então, o sentimento de conhecer verdadeiramente a natureza da alma, de saber plenamente o que somos, de onde viemos e por quais razões agimos deste e não de outro modo” (1951, p. 123)¹⁵.

¹⁴ A palinódia pode ser considerada parte integrante da busca socrática do autoconhecimento e o Fedro, um extenso e complexo escrito sobre a natureza e a vida da alma (C. Griswold, 1981, p. 478-9).

¹⁵ Comenta R. de Monticelli: “Essa ligação radical entre o ente próprio ao homem e o conhecimento das divinas essências é o ponto crucial que muitos dos filósofos posteriores negligenciaram. É por buscar recordar-se de quem era, do que constitui seu próprio ser, que o filósofo chega a ascender ao âmago do mundo divino das Ideias: é mais ou menos assim que Platão interpretou a palavra délfica “conhece-te a ti mesmo” (1994, p. 12) ... “Negligenciar a ligação entre o que a alma se lembra (ou sabe) e a vida que reconhece como sua própria vida (a de outrora), faz com que a doutrina da reminiscência permaneça um belo mas opaco mito. O que é essa vida “anterior” da qual o filósofo deve buscar a lembrança? Desse mito os filósofos posteriores não souberam muito

As incursões metafísicas, empreendidas por esses dois amantes de belos discursos, permitiram a Platão trazer à luz conteúdos infinitamente antigos gravados em seu “livro” interior, dos quais os Diálogos nada mais são que imitação. A miniatura, diz G. Bachelard, por suas virtudes dinâmicas, é autêntico ovo filosófico: neste, os valores se condensam e se enriquecem, tornando mais nítido o que há de grande no pequeno. O poder desse centro dinamizado é de flexibilizar e agilizar a inteligência, ativando valores profundos, de modo que, ao se deparar com uma imagem primitiva, deixa-se arrebatado para longe, de regresso ao núcleo do grande passado (1989, p. 157s). A perplexidade despertada pela contemplação do Belo originário o fez revelar o superlativo tesouro em duas mil páginas, que conservarão para sempre a luz refletida por aquele passado.

A chama de intensa beleza, que brilha na obra do filósofo de largos ombros, estimula-nos também à plena conversão para esse “livro” primordial, em que estão contidas as bases determinantes de toda a tradição propriamente filosófica do Ocidente: toda civilização está fundamentada numa espécie de “livro” cultural, no qual se armazenam informações para reutilizá-las continuamente, afirma E. Havelock. A partir do uso do alfabeto, a cultura grega retida oralmente antes de Homero sofre radicais transformações (1996 p. II); e Platão, por estar vivendo no centro dessa revolução – no ponto de confluência das civilizações da memória e da escrita –, antecipou-se como profeta da nova era mental (id. ib.)¹⁶. Tal como as Formas a que se referem

o que fazer. Esse “antes” metafórico permaneceu atado às Ideias, transformando-se em sua propriedade lógica e epistemológica, permitindo que algo iluminador se perdesse no caminho: as Ideias em si mesmas, “isso em virtude do que um deus é um ser divino” (249c), assemelham-se muito mais à forma de vida (divina) que a universais “abstratos”, ou a características comuns a diferentes dados particulares da experiência (1994, 20-1).

¹⁶ A História da Filosofia poderia ser escrita fundamentando-se unicamente sobre as interpretações sucessivas, das quais a obra platônica tem sido objeto no curso dos séculos (R. Schaefer, 1969, p. 10).

e confundem-se, esses textos nos quais essa transição cultural se efetua têm atravessado a deterioração própria aos redemoinhos da história imunes em sua verdade : constituem, por sua permanente vitalidade, a mais bela homenagem que um aprendiz poderia render a seu *psykopompos*. Valendo-se da era do livro, mediante discursos que ainda buscam preservar as marcas da oralidade, imita-o em sua tarefa de exortar mais e mais leitores a consagrarem sua vida a esse modo de filosofar, que tira partido das reminiscências do mais longínquo dos recomeços para conhecerem a si mesmos e a seu destino imortal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BERNHARDT, J. Platon et le matérialisme ancien. Paris: Payot, 1971.
- BURKERT, W. A Experiência Extraordinária. In: _____. Antigos Cultos de Mistério. São Paulo: Edusp, 1992.
- DERRIDA, J. A farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- DETIENNE, M. Os mestres da verdade na Grécia arcaica. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DIES, A. Autour de Platon. Paris: Beauchesne, 1927.
- GAUDIN, C. Platon et l'alphabet. Paris: PUF, 1990.
- GRISWOLD, C. Self-knowledge and the "idea" of the soul in Plato's "Phaedrus". *Revue de Metaphysique et de Morale*. n. 4, 1981.
- HAVELOCK, E. A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- HAVELOCK, E. Prefácio a Platão. Campinas: Papirus, 1996.
- HEIDEGGER, M. La Doctrine de Platon sur la vérité. In: _____. Questions II. Paris: Gallimard, 1968.
- JOLY, H. Le renversement platonicien. Paris: Vrin, 1974.

- KERENYI, K. *La religion antiga*. Madrid: Castilla, 1972.
- MARIGNAC, A. de. *Imagination et dialectique*. Paris: Belles Lettres, 1951.
- MONTICELLI, R. de. *Sur la connaissance essentielle selon Platon*. *Revue de Philosophie Ancienne*. Bruxelles, n. 1, 1994.
- PAQUET, L. *La méditation du regard*. Leiden: E. J. Brill, 1973.
- PLATÃO. *Fedro*. Tradução e apresentação de José Cavalcante de Souza, Posfácio e notas de José Trindade Santos, São Paulo, Editora 34, 2016.
- RODIS-LEWIS, G. *L'articulation des thèmes du "Phèdre"*. *Revue Philosophique*. n. 1, 1975.
- SCHAERER, R. *Epistème et Techné. Étude sur les notions de connaissance et d'art d'Homère à Platon*. Mâcon: Protat, 1930.